

ESTUDO IMPACTO DE RETIRADA SUBSTÂNCIAS ACTIVAS NAS CULTURAS CHAVE EM PORTUGAL 2025



OLIVAL

PERA-ROCHA

VINHA PARA
VINHO

MILHO

TOMATE DE
INDÚSTRIA



MAÇÃ

BATATA

ARROZ

Políticas europeias podem gerar perdas de 510M€ por ano no Rendimento Agrícola Nacional



Após a apresentação do estudo de impacto em 2020, cinco anos depois, a CropLife Portugal volta a associar-se à AGRO.GES para uma atualização que nos traz um cenário preocupante: mais fileiras em risco, maiores perdas:

-  Estão em causa fileiras que representam cerca de 3.100M€ em exportações por ano;
-  Vinha, Arroz, Milho e Tomate para a Indústria perderiam a viabilidade;
-  7% da totalidade do rendimento anual agrícola em risco;
-  Abandono de terras e mais de 11.000 postos de trabalho agrícola anuais em risco;
-  Aumento da dependência do exterior e maior insegurança alimentar.

ENQUADRAMENTO

A CROPLIFE PORTUGAL – Associação da Indústria da Ciência para a Proteção das Plantas, apresenta as conclusões de um estudo realizado pela AGRO.GES sobre o Impacto Económico da retirada de um conjunto de 44 substâncias ativas pelas autoridades europeias, em oito fileiras agrícolas portuguesas - Vinha para vinho, Olival para azeite, Milho, Tomate de Indústria, Pera Rocha, Maçã, Arroz e Batata.

Na origem do estudo está a intenção assumida pela União Europeia, no quadro da estratégia do prado ao prato integrada no Pacto Ecológico da Comissão Europeia, de reduzir a utilização de produtos fitofarmacêuticos em 50% até ao ano 2030. A esta decisão acresce ainda o facto de, nos últimos cinco anos, o setor agrícola europeu ter sofrido uma redução significativa das substâncias ativas disponíveis para a proteção das culturas, sem nenhuma nova aprovação neste mesmo período. Esta tendência, agravada pelo aumento dos problemas fitossanitários potenciados pelos efeitos das alterações climáticas, coloca duras restrições à sustentabilidade da produção agrícola.

O presente estudo teve como base a atualização do relatório de 2020, relativo a 5 culturas (Vinha para vinho, Olival para azeite, Milho, Tomate de Indústria, Pera Rocha) ao qual foram adicionadas 3 novas culturas (Maçã, Arroz e Batata), o que permite realizar uma análise crítica dos previsíveis novos impactos económicos.



A metodologia utilizada para esta análise baseou-se na construção de 20 casos de estudo representativos das oito fileiras, nas suas diversas tecnologias de produção e de acordo com as diferentes geografias em que se encontram.

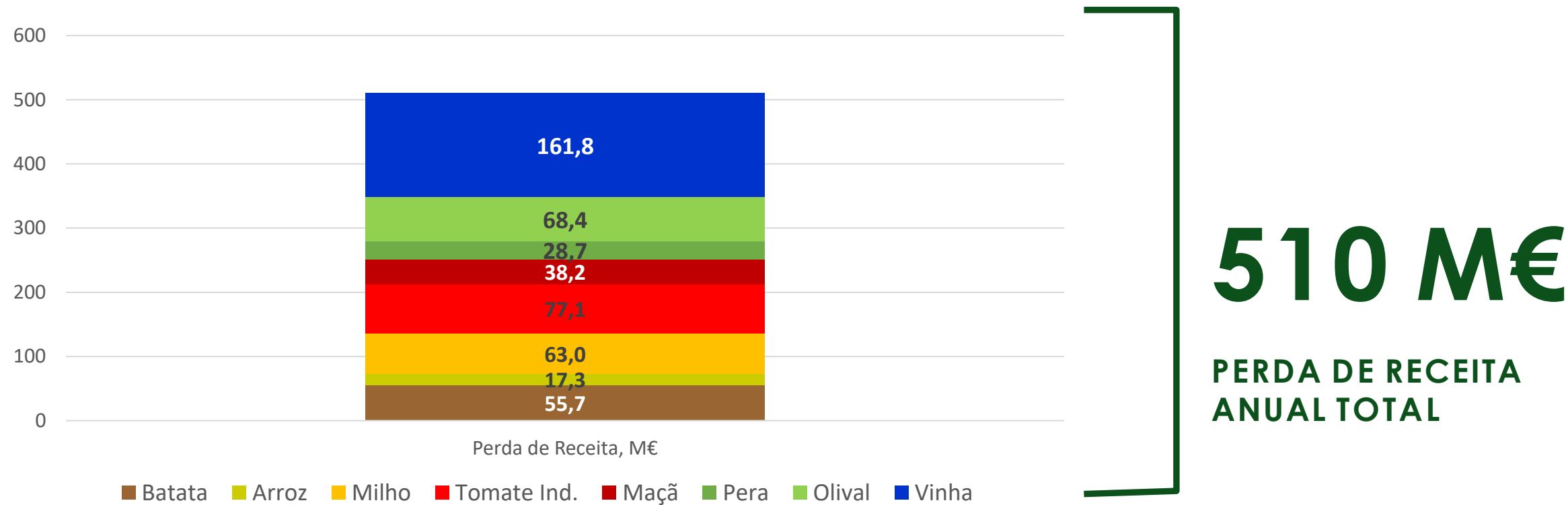
Assim, definiram-se os seguintes passos na abordagem metodológica:

- ✓ Identificação dos principais sistemas de produção existentes para cada fileira;
- ✓ Construção de casos de estudo que representem, para cada tipologia identificada, as expectativas de produtividade, custos e receitas obtidas, com base no recurso aos produtos fitofarmacêuticos atualmente disponíveis;
- ✓ Consulta a técnicos especialistas e a produtores conhecedores de cada uma das fileiras, para determinação das alternativas tecnológicas a utilizar face à retirada dos produtos identificados;
- ✓ Construção das estimativas para cada um dos casos de estudo num cenário da melhor alternativa tecnológica encontrada na etapa anterior;
- ✓ Análise do impacto sobre a ótica da manutenção da viabilidade económica das explorações de cada um dos 20 casos de estudo (8 fileiras);
- ✓ Quantificação dos impactos económicos estimados para cada um dos casos de estudo, extrapolando-se o impacto para cada região e cultura, tendo em conta as produtividades médias dos últimos 5 anos e a respetiva área.



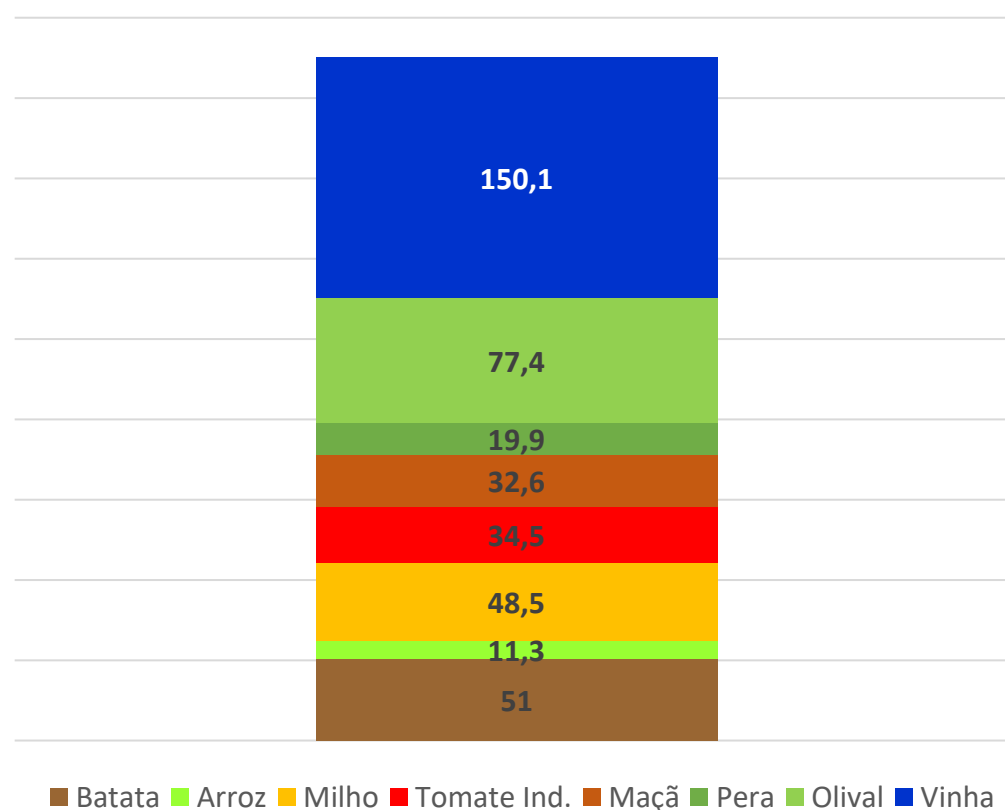
RESULTADOS APURADOS

A agricultura portuguesa poderá perder até **510 milhões de euros anuais de rendimento** devido à redução da produtividade e ao aumento dos custos de produção causados pela retirada de substâncias ativas essenciais à proteção das culturas. O impacto corresponde a **7% da produção vegetal nacional prevista para 2025** (dados INE).



RESULTADOS APURADOS

Em termos de **Margem Bruta**, as perdas podem atingir **425 milhões de euros por ano**, ou seja, **10,3% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) da agricultura nacional (dados INE)** – uma quebra ainda mais acentuada do que os 9% registados em 2020.



425 M€

**PERDA DE VAB
ANUAL TOTAL**



RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



No caso da vinha, considerando os produtos que já saíram do mercado e os que se preveem sair, o impacto na produtividade passaria a ser muito expressivo, conduzindo a um risco de perda de Margem Bruta na ordem dos 150,1M€, nas seguintes regiões:

Região	Perda de produtividade %	Margem Bruta €/ha/ano
Trás-os-Montes	25 - 40%	- 249,39
Vinhos verdes	40 - 50%	268,63
Douro	25 - 40%	- 437,76
Beiras	30 - 45%	- 665,34
LVT	30 - 45%	480,82
Alentejo	40 - 50%	- 747,62

Estima-se que nas regiões de Trás-os-Montes, Douro, Beiras e Alentejo a cultura da Vinha se torne inviável.



Os elevados custos e os preços baixos, põem em causa um setor que ocupa 170 mil hectares a nível nacional, para além do emprego que gera e do impacto na economia portuguesa, uma vez que representa um dos maiores mercados exportadores.

A retirada de fungicidas e dos inseticidas que promovem o controlo da cigarrinha verde, são os responsáveis pelos grandes impactos nesta cultura.



RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



No caso do milho, fruto do aumento do valor acrescentado da cultura e do aumento considerável de área, o impacto estimado de risco de perda de Margem Bruta é 4 vezes mais elevado do que em 2020 (11,8M€), representando atualmente **48,5M€**.

Região	Perda de produtividade, %	Margem bruta, €/ha/ano
Minho (silagem)	25 - 35%	-252,23
Tejo (grão)	20 - 30%	3,87

As perdas de produtividade e a inviabilidade da cultura na região do Minho, obrigariam a importar uma maior quantidade de cereal ou alimento para animais.



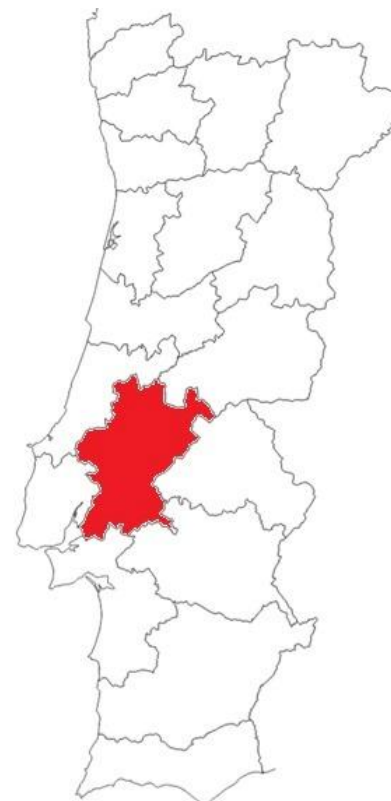
Há o risco desta cultura, que ocupa uma área importante do território nacional, perder a viabilidade na região do Minho devido à previsão de perda de herbicidas de pré-emergência e de inseticidas chave.

RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



No que respeita ao tomate de indústria, é uma cultura que sofre uma significativa redução de Margem Bruta na ordem dos **34,5M€** ao ano, devido à perda de produtividade entre os 30% e os 50%. Este cenário pode resultar na inviabilização da cultura.

Região	Perda de produtividade, %	Margem bruta, €/ha/ano
Ribatejo	30 - 50%	-2.735,70



A falta de alternativas aos produtos de desinfeção do solo, bem como de herbicidas para o controlo das infestantes (solanáceas), são os principais fatores de perda de produtividade.



RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



Quanto ao Olival, o efeito é manifestamente diferente entre os olivais modernos, regados e explorados em sebe ou em copa e os tradicionais, mais robustos mas menos produtivos. No caso dos olivais modernos, o impacto é muito substancial, tanto por via do aumento dos custos de operação como pela redução da quantidade e valor da produção, com um risco de perda de Margem Bruta de **77,4M€/ano**.

Região	Perda de produtividade, %	Margem bruta, €/ha/ano
Trás-os-Montes (tradicional)	0%	0
Alentejo (tradicional)	5 - 10%	40,28
Alentejo (copa)	10 - 15%	1.361,87
Alentejo (sebe)	10 - 15%	2.283,48

Na região do Alentejo, acresce uma perda do valor comercial da azeitona, por via da menor produção de azeite virgem extra entre **40% a 50%**.



O combate aos fungos, nomeadamente à gafa e olho-de-pavão, passam a ter de recorrer às poucas alternativas que ficam, mais caras e com maior risco de criar resistências. Nos inseticidas, o maior impacto é no combate à mosca da azeitona.



RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



Na fileira do arroz, o impacto na região do Mondego é muito significativo por ser uma região onde a pressão fitossanitária é elevada – o que resulta num aumento de despesa com produtos alternativos e menos eficazes, podendo tornar inviável a cultura nesta região, com risco de perda de Margem Bruta, a nível nacional, de **11,3M€**.

Região	Perda de produtividade %	Margem bruta, €/ha/ano
Mondego	25 - 35%	-992,91
Tejo	20 - 30%	226,81

No caso do arroz há o risco de abandono pelo facto de não ter culturas alternativas para as áreas que ocupa.



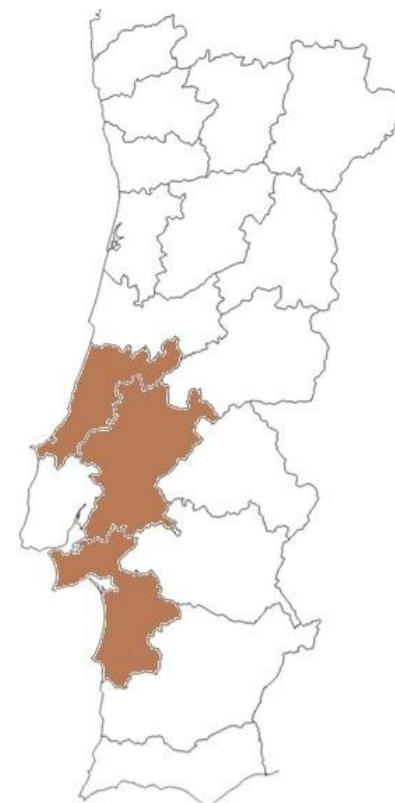
Para além da saída dos herbicidas previstos, a saída de inseticidas e fungicidas, em conjunto, poderão levar a um impacto direto na produtividade da cultura.

RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



A **cultura da Batata**, tendo um elevado valor acrescentado e um papel muito importante em determinadas regiões, apresenta a quebra de produtividade mais elevada, podendo atingir os 60%, o que se traduz num risco de perda de Margem Bruta de **50M€/ano**.

Região	Perda de produtividade %	Margem bruta, €/ha/ano
Oeste	40 - 60%	499,43
Ribatejo/Setúbal	20 - 30%	2.174,43



A saída de herbicidas para o controlo de infestantes (solanáceas), a limitação de inseticidas e as previsíveis resistências, a médio/longo prazo, a muitos fungicidas, terão um impacto significativo na produtividade desta cultura.

RESULTADOS APURADOS POR CULTURA



A **Maçã**, tal como a **Pera-Rocha**, são culturas que também sofrerão consideravelmente com a saída das substâncias ativas previstas. As alternativas que ficam são reduzidas, com custos mais elevados e menos eficazes. O impacto estimado de risco de perda de Margem Bruta anda na ordem dos **32,5M€/ano** para a maçã e **20M€** para a Pera-Rocha.

Região	Perda de produtividade, %	Margem bruta, €/ha/ano
Oeste - Pera	30 - 40%	1.808,84
Oeste – Maçã	25 - 35%	5.112,78
Beiras - Maçã	25 - 35%	4.945,79

Devido aos recentes problemas que a cultura da Pera-Rocha enfrenta (Fogo Bacteriano), o impacto estimado poderá ser muito superior.



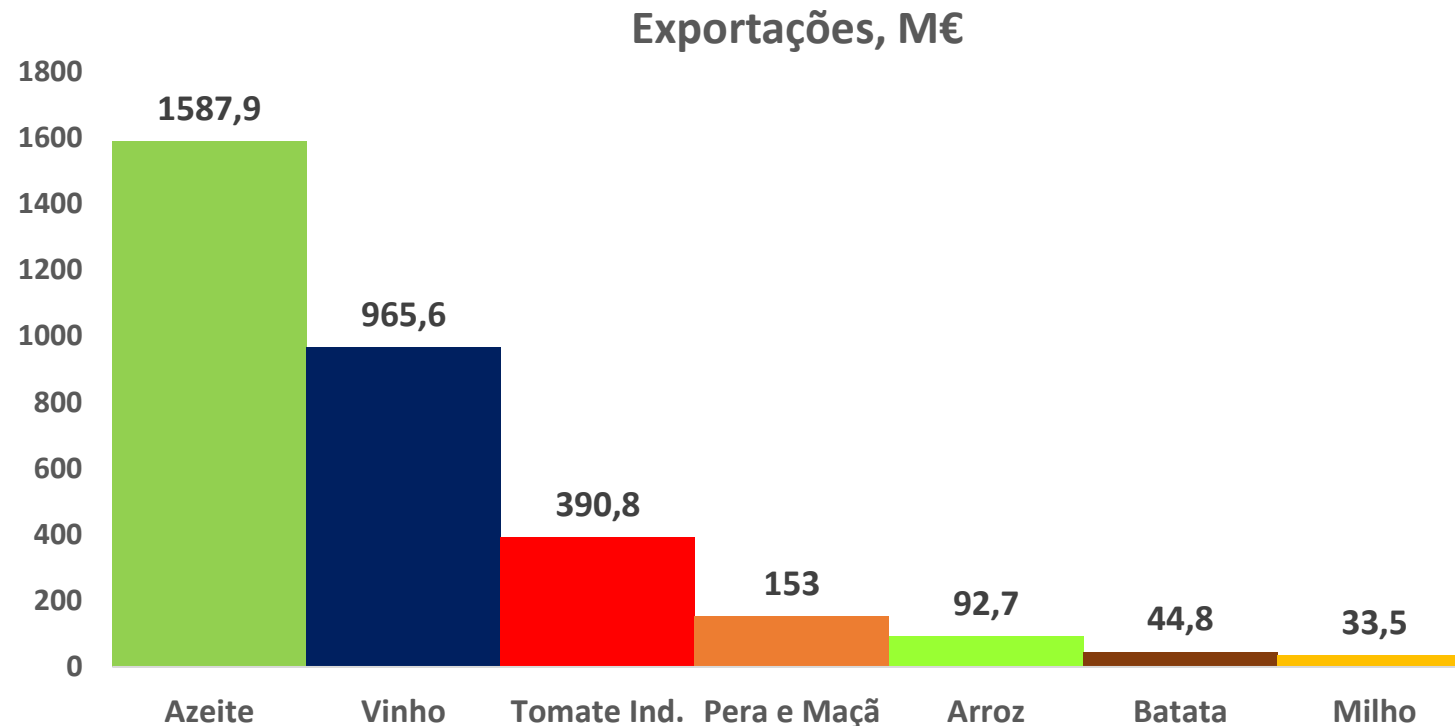
A saída de substâncias ativas utilizadas para a podridão dos frutos durante a conservação, poderia pôr em causa as exportações destas fileiras.

No caso da Pera-Rocha, as limitações das alternativas aos fungicidas para o tratamento da *Estenfiliose* e *Pedrado* contribuem para a perda de produtividade.



IMPACTO NAS EXPORTAÇÕES

Ao nível das exportações, e do equilíbrio da balança comercial, as perdas nas fileiras em análise podem ter um impacto muito superior ao aqui estimado. O **azeite, vinho, tomate, pera e maçã**, corresponderiam à perda de **360 milhões de euros** na produção, fragilizando a indústria transformadora e/ou os mercados exportadores destas fileiras, que representam **exportações anuais na ordem dos 3.100 milhões de euros**, como mostra o gráfico abaixo.



Estes dados podem também levar ao aumento das importações, provocando um desequilíbrio na balança comercial e aumentando o risco da segurança alimentar, quer em quantidade, quer em qualidade.

Fonte: INE



CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES

Das oito fileiras estudadas, pode-se concluir que se fossem retiradas as substâncias ativas consideradas em risco, as culturas da vinha nalgumas regiões (Douro, Trás-os-Montes, Beiras e Alentejo), do Milho, do Tomate de Indústria e do Arroz na região do Mondego provavelmente desapareceriam devido à perda de produtividade e ao aumento dos custos no que respeita a soluções alternativas para proteção das culturas. As fileiras do Olival, das Pomóideas, da Vinha nas regiões dos Vinhos Verde e Lisboa e Vale do Tejo, da Batata e do Arroz no Ribatejo continuariam a ser viáveis, mas com perdas muito significativas, podendo pôr em causa os seus investimentos associados.

A retirada de substâncias ativas de largo espectro, como por exemplo o *mancozebe*, começam a fazer-se sentir por via da ocorrência de resistências aos produtos alternativos, sendo este um alerta adicional para a necessidade da avaliação do impacto do cancelamento de substâncias ativas com estas características.



CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES

Quanto ao impacto social, as horas de trabalho diretas estimadas nas **fileiras que desapareceriam** (vinha em Trás-os-Montes, Douro, Beiras e Alentejo, milho no Minho, arroz no Mondego e tomate para indústria), correspondem, para as áreas de produção totais, a cerca de **11 481 UTA** (Unidades de Trabalho Agrícola) perdidas.

Uma vez que se trata de trabalhos sazonais, é seguro afirmar que **milhares de pessoas perderiam emprego em resultado da retirada assumida de substâncias ativas**. Nestes valores não estão a ser considerados os impactos da mão-de-obra nas outras culturas e respetivas regiões, mas o mais provável seria o impacto revelar-se bastante superior.



CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES

A economia agrícola nacional perde valor em áreas onde é difícil e dispendioso reconverter para culturas alternativas. Isto acontece sobretudo porque **muitas das culturas originais têm um valor acrescentado bastante superior à média, sendo quase impossível substituí-las por outras que, de igual forma, também seriam afetadas pela retirada de substâncias ativas.**

Esta conclusão do presente estudo, apesar de pouco animadora, é essencial para que se entenda e se **planeie a resposta às dificuldades económicas esperadas para estes cerca de 737,6 mil hectares**, atualmente ocupados com fileiras que geram riqueza, emprego e alimento.



CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES

Com base no que foi apresentado, surge a recomendação basilar de que, e apenas considerando estas oito fileiras sem que sejam analisados impactos nas restantes presentes em território nacional, a implementação das políticas ambientais com base no Pacto Ecológico Europeu, particularmente, na Estratégia da EU Do Prado ao Prato, seja ponderada com análises do ponto de vista da segurança alimentar, da economia agrícola do espaço europeu e dos complexos fluxos económicos que formam o sector agroalimentar.

A retirada de substâncias ativas poderá ter um importante impacto, como foi aqui apresentado, em todas as fileiras. No entanto, ficou bastante claro nesta análise, que o principal problema que as culturas agrícolas enfrentam não se prende apenas com o aumento de custos, mas também com a falta de alternativas eficientes para as estratégias de proteção das culturas. Assim, recomenda-se que a EU e os Estados Membros invistam de forma significativa na viabilização de legislação que assegure, de forma rápida e eficaz, a criação de soluções para a proteção das plantas, seguras para a alimentação humana e com menos impacto ambiental.



Posição da CropLife Portugal



Nos últimos cinco anos, o setor agrícola europeu tem assistido a uma redução significativa das soluções para a proteção das culturas disponíveis, com a **perda** de 76 substâncias ativas, sem nenhuma nova aprovação neste período, e um saldo negativo de oito biopesticidas. Esta tendência está a esvaziar a “caixa de ferramentas” dos agricultores.

É fundamental reforçar um equilíbrio regulamentar no âmbito da aprovação de substâncias ativas, assegurando processos previsíveis e baseados em dados científicos sólidos, tanto a nível europeu como nacional. Paralelamente, deve-se fomentar a inovação, promovendo a integração de biopesticidas, agricultura digital e tecnologias de precisão, sem esquecer o papel indispensável dos produtos fitofarmacêuticos no curto e médio prazo. Só assim será possível garantir um conjunto de soluções diversificado e suficiente, preservando a sustentabilidade da produção agrícola e a segurança alimentar na União Europeia.



Posição da CropLife Portugal



A agricultura europeia, e em particular a portuguesa, tem dado provas inequívocas de capacidade de adaptação e compromisso com a sustentabilidade. Entre 2011 e 2023, [dados do Eurostat](#), o volume de produtos fitofarmacêuticos (PF) em Portugal registou uma redução de 44%, decréscimo mais acentuado da europa em conjunto com a Itália, sem comprometer a quantidade e a qualidade dos alimentos. Em simultâneo, entre 2018 e 2023, [dados CE](#), a utilização e o risco associados aos PF diminuíram em 58% na UE, superando a meta de redução de 50% até 2030 da Estratégia “do Prado ao Prato”. Estes resultados são fruto da dedicação dos agricultores, da evolução científica e tecnológica e do investimento contínuo da indústria em soluções mais seguras, como PF mais avançados, os biopesticidas, a biotecnologia e a agricultura de precisão.

Contudo, os resultados do presente estudo revelam ameaças e desafios que exigem respostas equilibradas e sustentadas. A crescente vulnerabilidade às alterações climáticas, o surgimento de novas pragas e doenças e as limitações impostas por políticas comunitárias restritivas podem comprometer a capacidade produtiva e a competitividade do setor agrícola. Por isso, é fundamental assegurar que os agricultores mantêm acesso a um conjunto diversificado e eficaz de ferramentas, enquadrado por políticas claras, céleres, previsíveis que fomentem o investimento em novas soluções.



Posição da CropLife Portugal

A CropLife Portugal sublinha que as regras europeias devem garantir a segurança dos consumidores, mas também assegurar a sustentabilidade económica da produção agrícola. Sem este equilíbrio, corremos o risco de comprometer culturas essenciais à nossa alimentação e, consequentemente, conduzir ao aumento de preço do cabaz alimentar para os consumidores, bem como à perda da soberania alimentar.

A produção agrícola enfrenta hoje um duplo desafio: disponibilizar alimentos seguros e acessíveis, respondendo em simultâneo às exigências de sustentabilidade. Isso significa manter o rigor no controlo de resíduos e na qualidade dos produtos, conter o impacto do aumento de custos e, sobretudo, evitar a pressão excessiva sobre os produtos fitofarmacêuticos existentes, preservando substâncias ativas e viabilizando alternativas eficazes. É neste enquadramento que a indústria reforça o seu compromisso em garantir uma agricultura segura, sustentável e economicamente viável, em benefício de todos os consumidores.





SOBRE A CROPLIFE PORTUGAL

A CropLife Portugal – Associação da Indústria da Ciência para a Proteção das Plantas, constituída como Anipla em 1992, é uma associação empresarial sem fins lucrativos que representa as entidades que investigam, desenvolvem e comercializam soluções destinadas a melhorar a produção agrícola de forma sustentável, através da utilização da biologia, da química, da biotecnologia, do melhoramento vegetal, de ferramentas digitais e de agricultura de precisão. A CropLife Portugal orgulha-se em representar uma indústria que conduz o seu negócio com um forte comprometimento na segurança e sustentabilidade. A CropLife Portugal é membro efetivo e ativo da CropLife Europe.

<https://croplifeportugal.pt>

